

“O MÉXICO REAQUECEU-SE COM RECURSOS PRÓPRIOS”
(Kazuyasu Matsunaga)

O Brasil só depende do Brasil

EXECUTIVO JAPONÊS DIZ QUE SÓ COM REPATRIAMENTO DE CAPITAIS O PAÍS PODE VOLTAR A CRESCER

MARCO A. ANTUNES
E JOEL S. GUIMARÃES

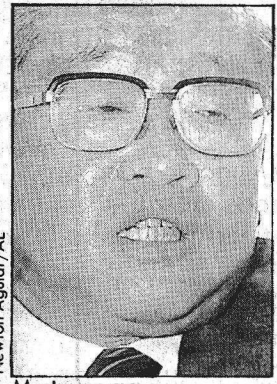
O repatriamento dos recursos brasileiros no Exterior, estimados em US\$ 50 bilhões, e a sua aplicação em atividades produtivas são condições fundamentais para que o País reative sua economia e, ao mesmo tempo, reduza o grau de dependência dos investimentos estrangeiros para a retomada do desenvolvimento. Ou seja, antes de procurar investimentos externos para aquecer a economia, os brasileiros deveriam utilizar seus próprios recursos para ampliar a produção, gerar novos empregos e distribuir a renda.

Esse é o recado do vice-presidente executivo da Japan Brazil Paper Resources Development Co. (JPP), Kazuyasu Matsunaga, um superexecutivo que esteve no Brasil na semana passada. Ele veio concluir o plano para a aplicação de US\$ 900 milhões na duplicação da capacidade de produção da Celulose Nipo-Brasileira S/A (Cenibra), um empreendimento da Companhia Vale do Rio Doce, em Minas Gerais, em associação com a JPP, holding formada pelo governo do Japão e 18 grandes empresas daquele país.

Profundo conhecedor do Brasil — durante anos presidiu a subsidiária brasileira da C. Itoh, a maior trading company do mundo, Matsunaga alerta também que o País dificilmente terá uma montadora japonesa de carros enquanto não globalizar sua indústria automobilística.

Jornal da Tarde - Qual o objetivo de sua viagem ao Brasil?

Matsunaga - Estive com representante do Eximbank no Brasil para ultimar os detalhes para a aplicação dos recursos liberados pelo Fundo Nakasone — US\$



Matsunaga

200 milhões — destinados ao projeto de duplicação da produção de papel e celulose da Cenibra. Esse dinheiro representa uma parte dos US\$ 900 milhões que a Vale do Rio Doce e a JPP irão investir para aumentar de 350 mil para 700 mil toneladas anuais a pro-

dução de papel celulose da Cenibra. Os US\$ 700 milhões restantes virão dos recursos próprios das duas companhias. US\$ 600 milhões serão aplicados na compra de novos equipamentos e na expansão da unidade industrial. Para ampliarmos a produção da Cenibra necessitaremos de mais matéria-prima. Por isso, o projeto prevê a aquisição de 150 mil hectares de terras para a implantação de projetos de reflorestamento.

O que levou a Cenibra a duplicar a produção? Num momento em que muitos países passam por uma recessão econômica, o mercado terá condição de absorver essa expansão da oferta de papel e celulose?

Hoje a produção da Cenibra é totalmente absorvida. Cinquenta por cento do que produzimos é vendido ao Japão e o restante para EUA e Europa e uma parte absorvida pelo mercado interno. A nossa produção já não atende à demanda. Não estamos podendo aumentar nossas vendas, principalmente para os EUA e Japão, por falta do produto. Com o aumento da produção vamos aumentar nossa participação nesses mercados e poder colocar nossos produtos na China e outros países asiáticos. A recessão vivida pela maioria dos países não irá durar para sempre. Já há claros sinais de retomada da economia nos EUA, Europa e mesmo no Japão.

“BRASIL NÃO É PRIORIDADE”
(Sobre o destino do dinheiro japonês)

SEGURANÇA É FUNDAMENTAL

Para atrair os japoneses

A abertura da economia brasileira, com a eliminação de várias restrições à atuação do capital estrangeiro, é suficiente para despertar o interesse dos japoneses?

A reformulação e a abertura da economia dos diversos países da América Latina mostram que a economia de mercado finalmente é uma fato nesta parte do mundo. O México, por exemplo, com seu programa econômico conseguiu trazer de volta os recursos de seus empresários que estavam depositados no exterior. Isso ajudou a reaquecer a economia e levou também o capital estrangeiro a investir maciçamente naquele País. O Brasil deve imitar esse exemplo. É preciso que, junto com a abertura econômica que o governo vem promovendo, os empresários locais acreditem em seu próprio País e invistam. No caso do Japão, posso afirmar claramente que o Brasil não é prioritário para os novos investimentos.

Para onde o Japão pretende destinar os US\$ 80 bilhões anuais de que dispõe para investir?

É óbvio que o empresário japonês investe onde há mercado, segurança e retorno aos recursos aplicados. Esse raciocínio se aplica inclusive ao Brasil. Se houver retorno ao investimentos ele será efetuado. Mas prioritariamente os

interesses dos empresários e investidores se concentram agora nos Estados Unidos e, pela proximidade, no próprio México, hoje tido pelos japoneses como o País do futuro, como o Brasil foi na década de 70. Ali foram derrubadas várias barreiras e restrições ao capital estrangeiro, que realmente tornaram o país bastante atrativo.

O sr. então não vê nenhuma possibilidade de instalação de uma montadora japonesa no Brasil?

A instalação de uma montadora exige investimento superior a US\$ 1 bilhão e só é viável economicamente em países que tenham mercado de 50 milhões de consumidores. Teoricamente o Brasil tem essas condições, pois além de seu potencial de consumo, sua localização estratégica permitiria que os carros produzidos aqui fossem exportados. O que inviabiliza qualquer projeto para a instalação de uma montadora japonesa no Brasil é o excessivo grau de nacionalização da indústria. Isso impede a importação de peças e componentes, o que comprometeria o padrão de qualidade dos carros japoneses que viessem a ser fabricados no Brasil. A indústria de peças e componentes também não tem condições tecnológicas de fornecer material com o nível e a qualidade dos produzidos no Japão.